

Tecendo percursos intelectuais e histórias de cidades

Entrevista realizada por Fernando Pinho

*Os entrevistados desta edição são **Ivone Salgado, Renata Baesso Pereira e Luiz Augusto Costa**, professores do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (POSURB) da PUC- Campinas, que falam sobre suas trajetórias de formação intelectual e suas pesquisas no grupo de pesquisa “História das cidades: ocupação territorial e ideários urbanos”.*

Fernando Pinho - Gostaria, em primeiro lugar, que vocês falassem sobre suas trajetórias acadêmicas.

Ivone Salgado – Sou arquiteta, formada pela USP, tendo feito o mestrado e o doutorado no Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris. Em 1987, comecei a dar aula na Faculdade de Arquitetura da PUC-Campinas e, em 1998, no então recém-criado Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (POSURB), tendo desenvolvido minhas pesquisas na área da história do urbanismo. Minha primeira pesquisa na PUC-Campinas foi sobre a política sanitária em Campinas no fim do século XIX, financiada pelo CNPq. De lá pra cá, sempre trabalhei com a história do sanitarismo e do higienismo. Uma pesquisa posterior a essa foi financiada por um projeto temático da FAPESP, de 2006 a 2011, coordenada pela professora Maria Stella Bresciani, da UNICAMP, sobre a configuração e

reconfiguração nas cidades do estado de São Paulo no final do século XIX e começo do século XX, no qual pesquisei sobre a questão da higiene na cidade de São Paulo. Também, nesse projeto temático, tínhamos a perspectiva de construir biografias profissionais e eu estudei o engenheiro Carlos Rath, que na metade do século XIX trabalhou em São Paulo com concepções higienistas. Portanto, essa é uma linha de pesquisa que está presente desde o início de minha trajetória na PUC-Campinas até os dias de hoje.

Quando da formação para a Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, eu me engajei num grupo de pesquisa que estudava a fundação de cidades no Brasil Colônia e de lá pra cá continuei estudando a fundação de cidades durante o período colonial e imperial. Com isso, mais recentemente, no POSURB, montamos o grupo de pesquisa “História das cidades: ocupação territorial

e ideários urbanos”, que coordeno, e assim venho trabalhando com a fundação de cidades no século XVIII, no território paulista. Avaliamos que, dentro do conjunto de pesquisas no Brasil sobre o processo de formação da cidade colonial, especialmente sobre o processo de fundação das cidades, havia muitos estudos sobre a cidade de São Paulo e o seu papel na formação do território paulista, assim como sobre o litoral paulista, e que o nosso território privilegiado para investigação deveria ser o primeiro Oeste Paulista. O grupo foi montado, com o professor Luiz Augusto Maia Costa, a professora Renata Baesso Pereira e a professora Jane Victal Ferreira. Cada um dos professores teve um objeto específico: por exemplo, o professor Luiz passou a estudar o território de fronteira São Paulo-Paraná; a professora Jane, o Vale do Paraíba; eu, o primeiro Oeste Paulista; e a professora Renata, a região de fronteira entre o Oeste Paulista e Minas Gerais.

Renata Baesso Pereira – Eu sou mineira. Minha graduação foi na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. No período da graduação, fui bolsista do programa PET. Foi lá que tive a oportunidade de começar a me enveredar por esse caminho acadêmico. Havia um grupo de pesquisa e o tutor era professor de História da Arquitetura, o professor Carlos Antonio Leite Brandão. Vejo isso como um traço importante na minha trajetória. O PET foi importante para a minha formação. Posteriormente, concluí a graduação, fiquei um tempo trabalhando em um escritório de arquitetura e fiz a seleção do mestrado em Urbanismo, aqui na PUC-Campinas. Brinco ao dizer que sou sócia-fundadora do programa, mas como aluna... (risos) Sou da primeira turma do mestrado em Urbanismo da PUC-Campinas, do ano de 1997. Ingressei já com interesse na linha de pesquisa sobre história do urbanismo e a professora Ivone Salgado era a coordenadora do programa nessa época; aliás, ela a foi a primeira coordenadora do programa. Durante o mestrado, eu ainda tinha um vínculo muito forte com Minas Gerais e estudei as tipologias arquitetônicas de Belo Horizonte, especificamente a questão das esquinas. Havia ali uma peculiaridade do traçado urbano, da solução dada às esquinas em lotes triangulares com uma forma muito própria e isso tinha um caráter muito importante para o entendimento da forma urbana. Então, a minha pesquisa de mestrado foi sobre a arquitetura de esquinas em Belo Horizonte, com a orientação do professor Ricardo Marques de Azevedo. No doutorado, realizado na USP, a partir das questões levantadas sobre o conceito de tipo na arquitetura, aprofundei a pesquisa sobre esse tema. Fui buscar, numa leitura ri-

gorosa de três obras de Quatremère de Quincy¹, nas quais ele investigava o conceito de “tipo”: um dicionário, um texto sobre a arquitetura egípcia e outro texto sobre a imitação na arte e na arquitetura. Portanto, meu doutorado foi, basicamente, uma exegese dos textos de Quatremère de Quincy, buscando ali essa matriz conceitual. Concluído o doutorado em 2008, surge uma vaga para dar aulas na graduação em Arquitetura e Urbanismo na PUC-Campinas. Prestei o concurso, fui selecionada. Depois, o concurso para compor o corpo docente da pós-graduação, em 2012. Aqui, na pós-graduação, passo a voltar meu olhar mais para as questões da cidade e do urbanismo. Meu primeiro projeto de pesquisa na pós-graduação tratou do entendimento da formação da rede de cidades que compõem a região metropolitana de Campinas (RMC), buscando na história a formação desse território. A pesquisa aborda, portanto, a tipologia e a morfologia de cidades que compõem a RMC.

Luiz Augusto Costa – O meu trajeto acadêmico é um tanto quanto curioso. No segundo grau, eu me formei como técnico em Química. Como estagiário, fui contratado como analista químico de uma indústria petroquímica. Depois fiz o vestibular para Filosofia e para Física, tendo sido aprovado nos dois cursos, passei a cursá-los enquanto trabalhava como técnico em Química. Posteriormente, revi minhas prioridades acadêmicas, e resolvi retomar algo que me interessava desde criança: a Arquitetura. Então, no último ano de Filosofia e ainda trabalhando no polo petroquímico, eu ingressei no curso de Arquitetura.

Tendo finalizado o curso de Filosofia, fui aprovado em um concurso estadual para professor de segundo grau. Passei a me dedicar somente à vida acadêmica: continuei no curso de Arquitetura na Universidade Federal da Bahia e, tendo concluído a graduação em Filosofia na Universidade Católica de Salvador, comecei a dar aula no período noturno.

Durante a graduação em Arquitetura, eu tive a oportunidade de fazer iniciação científica, sob orientação da professora Ana Fernandes, com pesquisa sobre o urbanismo no Brasil e a obra do engenheiro Theodoro Sampaio. Quando me formei, recebi o convite para participar de uma pesquisa sobre a arquitetura pós-moderna, orientada pelo professor Pasqualino Magnavita. Nesse meio tempo, fui ao Rio de Janeiro para fazer especialização em Planejamento

¹ Sobre esse pensador francês, consultar sua tese de doutorado, intitulada *Arquitetura, imitação e tipo em Quatremère de Quincy* (USP, 2008).

Urbano no IPPUR (UFRJ), onde passei oito meses. Voltei depois para Salvador e retomei minhas aulas na escola pública, da qual, posteriormente, pedi desligamento. Eu havia sido aprovado no mestrado da USP, onde, sob a orientação da professora Maria Lúcia Caira Gitahy, estudei a trajetória profissional de Theodoro Sampaio². Dei continuidade à minha formação, ainda na USP e com a professora Maria Lúcia Caira Gitahy, com o ingresso no doutorado, desta vez pesquisando sobre a participação norte-americana no debate sobre a formação do urbanismo em São Paulo, no final do século XIX até a década de 1930³, e depois com o pós-doutorado, em que desenvolvi uma pesquisa sobre o engenheiro Victor da Silva Freire e a formação do pensamento urbanístico em São Paulo. Depois do pós-doutorado, eu voltei para Salvador. Dei aula em uma universidade, trabalhei na Secretaria Estadual de Desenvolvimento Urbano da Bahia. Passados cerca de dois anos, tive a oportunidade de fazer o concurso pra PUCC e fui aprovado. Geralmente, eu costumava dizer que uma das razões que me fizeram voltar para São Paulo, que me trouxeram a Campinas, e me impulsionaram a vir para o grupo de pesquisa do qual hoje eu faço parte, foi a oportunidade de trabalhar com a professora Ivone Salgado.

Fernando Pinho - E quais os caminhos atuais da pesquisa do grupo?

Ivone Salgado – É importante sinalizar que a gente sempre acompanhou e acompanha os congressos que congregam temas nessa área de investigação. A nossa pós-graduação, desde que foi formada, ainda apenas com o mestrado na época, promoveu o V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Esse evento já existe há uns vinte anos e a gente sempre participa e sempre se alinhou a esse campo de estudos. Acompanhamos as edições do Seminário Internacional de História Urbana e recentemente acompanhamos a formação da Associação Ibero-Americana de História Urbana, no Chile, onde aconteceu o I Congresso Ibero-Americano de História Urbana e ali realizamos uma mesa com vários pesquisadores brasileiros. Essa possibilidade de participação dessa associação e de seus congressos abre uma perspectiva para um diálogo

2 A dissertação de mestrado de Luiz Augusto Costa deu origem ao livro *O ideário urbano paulista na virada do século: o engenheiro Theodoro Sampaio e as questões territoriais e urbanas (1886 - 1903)*, publicado em 2003.

3 Os resultados de sua pesquisa de doutorado foram publicados no livro *Nem tudo era europeu: a presença norte-americana no debate de formação do urbanismo Paulista (1886-1919)*, lançado em 2014.

com as matrizes espanholas. Há na literatura especializada uma certa separação entre os pesquisadores que estudam as cidades latinas de origem hispânica e os que estudam as de origem portuguesa. No congresso do Chile, tivemos a perspectiva de começar a entender o modelo português com o modelo espanhol, trabalhando juntos. É um campo imenso de pesquisa que se abre.

Renata Baesso Pereira – O meu projeto de pesquisa atual tem como foco o estudo de casas senhoriais em Campinas e região. Segundo um grupo de pesquisadores da Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ), esse conceito de casa senhorial deve ser entendido de forma mais ampla – no contexto rural ou no contexto urbano –, segundo uma história social, como um produto de uma determinada classe social e contexto. Isso casa muito bem quando a gente pensa nas famílias que eram as grandes proprietárias de terras da região de Campinas. E quando eu falo Campinas, isso engloba a atual RMC, pois antes tudo era o território de Campinas. Essas famílias constroem casas senhoriais tanto no espaço urbano quanto no espaço rural. Então, o meu projeto de pesquisa atual tem como objeto a família Souza Aranha e procura analisar o que é essa propriedade fundiária – das sesmarias que se desdobram em engenhos e depois fazendas de café – e como esses sujeitos, como esses agentes atuam no espaço urbano e no espaço rural. Qual é o papel deles? Não são homens do campo; são empresários, sujeitos que articulam essa produção de caráter industrial com mercados internos e externos, que têm negócios que não estão só ligados à agricultura, que influem nas redes de infraestrutura urbana, que tiveram um papel nas Câmaras. A principal questão, e que ainda estou delineando, é que esse limite rígido entre o urbano e o rural não existe. São complementares. Talvez questionar alguns lugares comuns da historiografia, como é o caso da afirmação de que o Brasil era pouco urbano. Sim, mas esse urbano estava, como o historiador francês Bernard Lepetit aponta, numa constelação de pontos num território, ligados em rede aos núcleos urbanos. Há uma relação do rural com o urbano e é isso que a pesquisa está apontando.

Fernando Pinho - Essas noções são históricas mesmo. O que é urbano e o que é rural não são a mesma coisa no século XXI e no século XVIII...

Renata Baesso Pereira – Sim, é verdade! A família Barão de Itapura, por exemplo, se estabelece em Campinas no início do século XIX. Estou tentando construir uma espécie de genealogia, no sentido de

entender essa constituição fundiária, da distribuição de terras, seja por herança, seja por compra. É um período de regulamentação da Lei de Terras do Império, em 1854. A sesmaria vai se desmembrando por herança, por compra. Ao que parece, o Barão de Itapura veio do Paraná. Ele se instala em Campinas, fez parte da Câmara, construiu um sobrado, ao lado da igreja matriz, constituindo uma presença urbana e uma construção que é moderna para esse período, com uma série de inovações na maneira de morar. Procuo, então, entender essa tipologia urbana e o papel desse sujeito que é um personagem importante na economia do período. Depois da quebra do café, a gente percebe que as fazendas foram loteadas e até hoje há um mercado de terras, esperando por valorização, que são originárias de fazendas.

Quando participei do I Congresso Ibero-Americano de História Urbana, em novembro de 2016, no Chile, percebi que há uma convergência entre pesquisas e metodologias que buscam rever as distinções entre o urbano e o rural no Brasil, seja no período da Colônia, seja no período do Império, rever essa ideia de rede urbana formada somente por vilas e cidades e observar essa miríade de outras formas de povoamento. Há também as pesquisas desenvolvidas pelos nossos alunos de pós-graduação, como o estudo sobre a formação de fazendas no sul de Minas Gerais. Essa ideia de fronteira, como a entendemos hoje, não fazia sentido naquela época. Esse território do sul de Minas Gerais e a sua articulação com o território paulista é impressionante. Impressiona o quanto a fronteira é permeável e as disputas por esses territórios. Esse, inclusive, foi o trabalho que apresentamos no Chile: a formação da rede urbana por conta da disputa junto às fronteiras entre as capitânicas de Minas Gerais e de São Paulo. Havia uma sobreposição de camadas, lugares que pertenciam, do ponto de vista de uma rede civil, a São Paulo, mas estavam ligados ao Bispado de Minas Gerais. A rede eclesiástica não necessariamente coincidia com a rede civil da jurisdição das comarcas. Essa teia é algo importante para se rever, além do senso comum, a ideia de um sertão deserto, já que nesse dito sertão existia uma miríade de fazendas, de pontos de descoberta de ouro, ou seja, um lugar habitado.

Luiz Augusto Costa – À primeira vista, eu estaria mais direcionado à questão da formação do pensamento urbanístico no Brasil, mais em particular em São Paulo; porém isso traduz apenas um aspecto de meus interesses. Na verdade, o que me interessa são os processos de produção do espaço construído, sejam eles materiais ou imateriais, em qualquer período que seja, tanto na atualidade quanto no tempo pretérito.

Entendo que, no meu percurso, a ideia, tanto a ideia concebida como a ideia em movimento, é uma questão central. Vejo, sobretudo, que a história funciona como uma opção metodológica de apreensão da realidade, onde a história não tem fim nela própria. A história permite refletir sobre questões preeminentes da contemporaneidade ou do passado, mas, de qualquer forma, é essa preocupação: a de apreender a realidade. Tenho o interesse em perceber como essa realidade é transformada, modificada e ressignificada através da produção social do espaço construído. Foi nessa perspectiva que eu pesquisei sobre Theodoro Sampaio e sobre Victor da Silva Freire. Investiguei a trajetória de uma série de autores para perceber o fluxo e o refluxo de ideias norte-americanas no debate que deu origem ao pensamento urbanístico em São Paulo, mas também me preocupei com a produção, ocupação e transformação do espaço construído, do território que chamamos “Pontal do Paranapanema”, sobre o qual fiz uma pesquisa de mais de seis anos. Abordamos vários aspectos da região do Pontal do Paranapanema. Atualmente, venho retomando o trabalho com a obra do Victor da Silva Freire, ao mesmo tempo que tenho orientado uma série de dissertações de mestrado e teses de doutorado que versam sobre questões da contemporaneidade. Enfim, o núcleo de interesse continua: é o processo de formação de produção do espaço construído, seja, mais uma vez, como uma ideia concebida e/ou como ideia em movimento. É isso que me fascina!

Fernando Pinho - Eu tenho visto, aqui no POSURB, a presença de alunos de outros cursos. Como é que vocês observam o interesse de alunos, vindos de várias áreas, sobre a história da cidade e do urbanismo?

Ivone Salgado – A área da história tem uma demanda expressiva, embora não comparável à demanda das áreas da gestão e da requalificação urbana. Como a pós-graduação também é voltada para a formação de professores, sempre existe uma demanda dos que já atuam em sala de aula ou dos que pretendem ser futuros professores. Também, em nosso processo seletivo, existe a abertura para várias áreas. Existem muitos historiadores que se interessam pela história da cidade, pela história do urbano, pela história do urbanismo.

Fernando Pinho - Considero isso muito importante, pois, além de promover esse diálogo entre áreas, ajuda a fazer um questionamento

“por dentro”. Não se trata, portanto, de uma replicação de formas de fazer história, mas também de repensar esse fazer.

Ivone Salgado – Sim! Veja que hoje há um debate importante em relação ao patrimônio construído. Temos conselhos municipais e estaduais, o IPHAN etc. Não somos como outros países, como Portugal, onde o que seria o nosso IPHAN tem uma estrutura diferente aos moldes de um ministério, com uma política e verbas próprias. Mesmo assim, no Brasil, eu acho que o patrimônio começa a ser mais valorizado. O recente caso de ministros caírem porque tentaram intervir, por motivos pessoais, numa área do patrimônio histórico da cidade mais antiga do Brasil, deixa claro que está mudando a visão do patrimônio.

Há muitos alunos que têm essa sensibilidade, que veem na história um modo de entender os processos, as técnicas e a valorização do patrimônio arquitetônico ou das políticas de turismo. O estudo da história dá o fundamento para as políticas de preservação do patrimônio, de recuperação, de utilização contemporânea desse patrimônio. Não é uma história que fica lá no passado; é uma história que pensa o presente.

A própria questão sobre o valor de determinado edifício, praça ou cidade: esse valor só pode ser atribuído se você conhecer a história desse objeto. Então, se precisa conhecer a história desse objeto para saber avaliar o valor histórico dele. Muitas vezes existem avaliações equivocadas de um edifício, de uma rua, de uma praça. O que é de tradição portuguesa? Essa tradição está presente ou não? Isso remete a conhecer a história.

Uma das questões que o I Congresso Ibero-Americano de História Urbana, no Chile, abriu é que, dentro da historiografia, existe uma prática muito comum de interromper os estudos sobre o Brasil colonial em 1822, tanto em Portugal quanto no Brasil. Porém, discutindo alguns trabalhos do século XIX, a gente tem percebido que a ruptura não acontece em um dia. Há permanências! Então faz-se necessário observar o que permanece e o que se modifica, as permanências e rupturas. Por exemplo, nesse território paulista, fundado no século XIX, há, na maneira de construir, uma tradição portuguesa, do período colonial, mas também uma inovação. Então, para observar essas rupturas e novidades, não dá mais para fazer um corte temporal rígido, sendo necessário traçar um arco temporal mais longo. ■

Fernando Pinho é engenheiro civil, com mestrado em Engenharia de Transportes, especialização em História da Amazônia, especialização em Estudos Culturais da Amazônia e doutorado em Planejamento Urbano e Regional. É coordenador editorial da Revista e-metropolis.
fernandopinossa@yahoo.com.br

Ivone Salgado é doutora em Urbanismo (Universit  de Paris XII), professora da PUC- Campinas e líder do grupo de pesquisa “História das cidades: ocupa o territorial e ideários urbanos”.
salgadoivone@puc-campinas.edu.br

Renata Baesso Pereira   doutora em Arquitetura e Urbanismo (USP) e professora da PUC- Campinas.
renata.baesso@puc-campinas.edu.br

Luiz Augusto Costa   doutor em Arquitetura e Urbanismo (USP) e professor da PUC- Campinas.
luiz.augusto@puc-campinas.edu.br